

## MASCULINIDADES EM CONFLITO: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E AS TENSÕES DISCURSIVAS NA MACHOSFERA

JOHAN LOSE<sup>1</sup>; NIKOLAS YOSHITAKA KONISHI<sup>2</sup>; MARCUS VINICIUS SPOLLE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – jubalose@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – nikonishi@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – sociomarcus@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar as disputas entre os diferentes ideais de masculinidade presentes nos grupos masculinistas localizados na “machosfera” (VILAÇA; D'ANDRÉA, 2021), analisando como esses conflitos se refletem na construção identitária e nas práticas performativas de gênero (BUTLER, 2018). Partindo do pressuposto de que esses grupos são heterogêneos e competem por espaço e adesão de indivíduos, a pesquisa fundamenta-se nas discussões sobre masculinidade hegemônica e subalternidade masculina (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005; KIMMEL, 1998). A análise também se apoia na perspectiva da interseccionalidade, que considera que categorias como raça, classe, gênero e orientação sexual são inter-relacionadas e se moldam mutuamente (COLLINS; BILGE, 2021). Dessa forma, a interseccionalidade fornece uma lente teórica para compreender como essas identidades são formadas e reconfiguradas em resposta às normas sociais contemporâneas.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem exploratória e utiliza a análise de conteúdo como metodologia para examinar os discursos presentes em textos e materiais digitais relacionados aos quatro principais grupos da “*manosphere*” (GING, 2019): “*Men’s Rights Activists*” (MRA), “*Pick-Up Artists*” (PUA), “*Involuntary Celibates*” (Incels) e “*Men Going Their Own Way*” (MGTOW) (SILVA, 2022). O corpus foi composto por artigos acadêmicos, dissertações e materiais produzidos nos espaços digitais desses grupos permitindo uma análise detalhada de como esses grupos articulam seus discursos e práticas identitárias. As categorias analíticas foram elaboradas com base nos conceitos de masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005) e performatividade de gênero (BUTLER, 2018), e incluem: postura antifeminista, recuperação da masculinidade tradicional e organização identitária.

A análise de conteúdo foi realizada de forma indutiva, permitindo que novas categorias emergissem dos dados, como a presença de narrativas de vitimização e a utilização de uma linguagem biologizante para justificar comportamentos de gênero. A interseccionalidade foi incorporada como uma ferramenta analítica para observar como as categorias de raça, classe e gênero interagem na construção dessas identidades (COLLINS; BILGE, 2021). Esse método possibilitou capturar a complexidade das dinâmicas identitárias e discursivas entre os grupos da “*manosphere*”, oferecendo um panorama mais amplo de suas práticas e posicionamentos.

Essa pesquisa tem por justificativa uma maior apropriação das categorias sobre masculinidade nos ambientes digitais, em especial o caso brasileiro. Parte de um olhar interseccional sobre as aproximações, distanciamentos e contradições entre os grupos e suas pautas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a “*manosphere*” é composta por comunidades digitais que compartilham uma série de discursos e práticas relacionadas à masculinidade, com foco em contestar as normas contemporâneas de gênero e promover uma busca por uma masculinidade tradicional (SILVA, 2022). No contexto brasileiro, a machosfera reflete essas características, mas adapta-se às especificidades culturais e sociais locais, sendo um espaço onde narrativas de vitimização masculina e discursos antifeministas se destacam (VILAÇA; D'ANDRÉA, 2021).

A *red pill* é uma metáfora sobre a 'pílula vermelha' (inspirada no filme *Matrix* de 1999) que descreve um 'despertar' para a suposta verdade sobre as dinâmicas de gênero e um suposto poder feminino, o qual, segundo essa perspectiva, subjuga os homens na sociedade atual (SILVA, 2022). Essa noção de *red pill* permeia grupos da “*manosphere*”, formando um sistema de crenças que se caracteriza por uma rede de misoginia (BRATICH; BANET-WEISER, 2019).

Dentre os grupos identitários *red pill*, os ativistas pelos direitos dos homens (MRA) “apresenta[m] um tom mais moderado fazendo alguns esforços para distanciar-se de acusações de misoginia, sendo o único que tolera a participação feminina em seus grupos” (SILVA, 2022 p. 25).

Os “artistas da sedução” (PUA) compartilham técnicas e estratégias para conquistar mulheres, promovendo uma visão instrumental das relações românticas e sexuais. Eles capitalizam em cima dos membros de seu grupo, criando cursos sobre como seduzir mulheres, vendidos pela internet (MACHADO, T. 2024). Essa abordagem parte da premissa de que mulheres e homens diferem física e psicologicamente devido à genética, com o valor da mulher sendo baseado na fertilidade e na beleza (SILVA, 2022, p. 25).

Também utilizam a categoria de Valor Sexual de Mercado (VSM), uma métrica que avalia a atração física e sexual, atribuída a partir de atributos considerados bons ou ruins conforme o discurso *red pill*. É através de discursos biologizantes que surgem as categorias de Alfa (*red pill*) e Beta (*blue pill*), referindo-se, respectivamente, aos que “despertaram” e aos que não o fizeram. Outras categorias, como Chad (o arquétipo ideal de masculinidade), Stacy (o ideal feminino desejado) e Beta (que se refere ao indivíduo incel), buscam classificar homens e mulheres com base em atratividade e comportamentos, criando uma hierarquia de valor social e sexual (MACHADO, T. 2024). Esse processo de classificação pode ser lido como uma materialização das disputas entre masculinidades hegemônicas e subalternas.

Dessa categorização dicotômica promovida pelos PUA, surge um grupo que se destaca e é amplamente estudado: os celibatários involuntários, ou “*involuntary celibates*” (Incels). Os incels são homens que se identificam como incapazes de conseguir parceiras sexuais ou românticas, expressando frustração e ressentimento tanto em relação às mulheres quanto à sociedade (VILAÇA; D'ANDRÉA, 2021).

Os incels atribuem sua condição à rejeição que enfrentam das mulheres, às dinâmicas sociais que consideram injustas e a fatores externos, como normas de beleza, status social, status socioeconômico e o comportamento seletivo das mulheres. Uma característica aglutinadora entre os incels é a “*black pill*”, que representa uma visão pessimista e fatalista sobre as relações de gênero e o mundo em geral. A “*black pill*” implica a aceitação de que sua situação é irremediável, rejeitando a noção de que atratividade e desejo são socialmente construídos e optando por explicações biologizantes (BRATICH; BANET-WEISER, 2019).

Por fim, o grupo mais novo e de maior crescimento é o dos homens que seguem seu próprio caminho, ou “*men going their own way*” (MGTOW). Eles defendem o afastamento dos relacionamentos com mulheres como uma forma de preservar sua autonomia e evitar prejuízos emocionais e financeiros. Utilizam discursos sobre situações judiciais prejudiciais aos homens, semelhantes aos dos MRA, para fomentar a necessidade de distanciamento das mulheres e da sociedade (SILVA, 2022). Os MGTOW incorporam discursos clássicos dos PUA, como a ênfase na atividade física para alcançar um corpo mais desejável e um maior VSM. Enquanto uma parte do grupo defende relações com trabalhadoras sexuais sob um viés de eficiência econômica, outra parte sustenta o distanciamento total de relações amorosas e sexuais com mulheres.

A análise revelou que, enquanto os MRA adotam um discurso mais moderado, buscando legitimação por meio de reivindicações de igualdade de direitos, os Incels expressam um sentimento de ressentimento e hostilidade abertamente direcionados às mulheres. Os PUA, por sua vez, reforçam práticas de manipulação e objetificação feminina através de um discurso biologizante e utilizando métricas como o VSM (MACHADO, 2024).

Uma narrativa de vitimização se manifestou nos grupos, mas com ênfases distintas: os MRA focam nas injustiças percebidas no sistema legal, os PUA relatam não poderem fazer usos de certas técnicas que hoje são reconhecidas como abusos, os Incels atribuem sua condição a uma suposta opressão feminina, e os MGTOW utilizam essa narrativa para justificar o seu afastamento das relações com mulheres e, por vezes, da sociedade em geral.

#### 4. CONCLUSÕES

Partindo do masculinismo, o *red pill* serve como base teórica para todos os grupos. Enquanto o MRA se concentra em questões legais e de direitos, os PUA se organizam em torno de práticas de sedução que reforçam estereótipos de gênero e um ideal de masculinidade dominante. Os Incels, por sua vez, manifestam um pessimismo radical em relação às dinâmicas de gênero, culminando em uma visão fatalista que justifica sua masculinidade subalternizada. Os MGTOW propõem um afastamento completo das mulheres, utilizando a narrativa de vitimização como base para justificar a rejeição a relacionamentos.

Todos esses grupos reconhecem a existência de uma crise da masculinidade e apresentam discursos para lidar com sua interpretação dessa crise. Suas experiências se inserem em um dos polos das disputas entre masculinidades subalternizadas e hegemônicas, conforme apontado por Kimmel, Connell e Messerschmidt.

No entanto, essas masculinidades não são monolíticas nem homogêneas e se constroem de forma intersseccionalizada, o que nos leva a reconhecer as

hierarquias de identidades em disputa presentes no movimento *red pill*, especialmente na machosfera, como um fenômeno que carece de mais estudos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRATICH, J.; BANET-WEISER, S. From Pick-Up Artists to Incels: Con(fidence) Games, Networked Misogyny, and the Failure of Neoliberalism. **International Journal of Communication**, n.13, p. 5003–5027, 2019.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2021.

CONNELL, R.; MESSERSCHMITD, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, Florianópolis n. 21(1) p. 241-282, 2013.

GING, D. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019.

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117. 1998.

MACHADO, T. **Calvo do Campari: o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do “macho”**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso - Língua Portuguesa e Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

RIBEIRO, M. H.; BLACKBURN, J.; BRADLYN, B.; CRISTOFARO, E.; STRINGHINI, G.; LONG, S.; GREENBERG, S.; ZANNETTOU, S. **The Evolution of the Manosphere Across the Web**. 2020.

SILVA, A. C. W. **MISOGINIA ONLINE: MANOSFERA E A RED PILL NO AMBIENTE VIRTUAL BRASILEIRO**. 2022. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VILAÇA, G. D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. **Dossiê Guerras Culturais** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021.